

REALIDADE E IMAGEM DO IDOSO

MOTE PARA UMA REFLEXÃO SOBRE O ENVELHECIMENTO

São múltiplas as imagens que a sociedade nos dá do envelhecimento. Mas sobre a realidade sempre pungente da decadência dos seres vivos na crueza da biologia, sobre a força dos factos sociológicos que traduzem isolamento, dependência e desgaste, sobre tudo o que a realidade nos diz da velhice, sobrepõe-se a imagem de uma serena realização. Que Eugénio de Andrade compara ao lento, quase imperceptível envelhecimento das rosas:

Vêm da infância essas mulheres.
Caladas, discretas, sem pressa
de existir. Esplêndidas mulheres essas,
penteadas com a risca ao meio,
as orelhas descobertas pelo cabelo
de sombra clara.
No seu coração o mundo
não era tão pequeno e o que faziam
não lhes parecia humilhação.
**Sabiam envelhecer com a vagarosa
luz das crianças
e dos animais da casa.
A par da rosa.**



E com este pano de fundo, talvez saudosos do que poderia ser, que as questões da realidade/imagem da velhice podem ser abordadas.

1. A IDENTIDADE PESSOAL NA VELHICE

Talvez só quando nos damos conta do processo de envelhecimento sejamos capazes de compreender a espantosa intuição do jovem Rimbaud quando escreveu: "Je est un autre".

Fica posta com uma extrema acuidade a questão fundamental e estruturante da identidade pessoal. O paradigma do progresso linear da ciência e da história foi naturalmente transposto para a evolução da própria pessoa - o eu vai-se construindo, afirmando, solidificando como se o esperasse no termo do processo uma unidade sem falhas. Ora à medida que o tempo passa vão-se separando o eu cuja unidade interior nos constitui enquanto seres responsáveis e o outro que nos aparece inacreditavelmente distinto do "eu" com quem nos familiarisámos ao longo da nossa vida. É nessa ruptura que em certo momento da história pessoal se inscreve a velhice. Ela surge então como lugar em que se experimenta de forma intensa a dissociação entre "je" e "un autre". Os outros vêm "um outro" ("eras tão magra!", "estás tão diferente..."); eu vejo o mesmo eu. Talvez por isso o isolamento dos velhos seja uma realidade insuperável (para além de todo o reconhecimento da necessidade



social da sua plena integração nas comunidades humanas, desde a família à sociedade como um todo). Talvez o isolamento seja o resultado da separação sem remédio entre "quem os outros veem" e "quem eu vejo".

É certo que há elementos ou suportes materiais da identidade que atravessam conosco a vida. Podíamos falar da permanência do código genético do indivíduo. Mas não pode o código genético ser analisado de fora da pessoa, como se fora de outro? Podíamos também falar de estrutura psíquica, aquele resultado único das várias maneiras que o indivíduo vai desenvolvendo no relacionamento com uma pluralidade de outros e no enfrentamento de uma diversidade de situações em que os outros estão sempre presentes, enquanto indivíduos ou categorias, enquanto realidade concreta ou abstracção feita do efeito cumulativo das relações. Mas não pode essa estrutura ser também ela entendida de fora? vista como o filme das relações? (e não é isso que se diz numa linguagem massificada quando se reage a alguém, sobretudo se se convive de longe data com essa pessoa: "ah! já conheço esse filme..."?!)

No seu inultrapassável estudo sobre a velhice Simone de Beauvoir diz claramente que "a problemática da identidade pessoal anda à volta da procura de um invariante relacional". E o paradoxo é que a velhice torna cada vez mais inatingível esse invariante.

Muito antes do post-modernismo vir fragmentar todo o conhecimento, já os velhos tinham "percebido" que o tempo, em vez de unir, funciona como factor de dissemelhança, de distanciação. Quem é aquele que escrevia, pensava isto???

Fundação Cuidar o Futuro

O tempo é uma ameaça para a identidade: não pode ser conjurado senão quando fôr possível colocar, face à contínua mudança que é a própria expressão da vida, o princípio de permanência no tempo.

Na nossa sabedoria popular a continuidade da pessoa no tempo é expressa negativamente pelo conhecido ditado: "cesteiro que faz um cesto faz um cento"... Ha sem duvida uma grande dose de cepticismo sobre a quase impossibilidade da mudança de comportamento tradução afinal do proprio character. Mas nao é este mesmo "cepticismo" que caracteriza os filmes de Woody Allen, sempre identicos uns aos outros? Entre a cultura popular e a cultura erudita paira o "princípio da repetição", fundamental em psicanálise, por sua vez eco longinquo do Salmo 50: "O meu pecado esta sempre diante de mim." O salmista nao fala, julgo, de uma memoria, ao fim e ao cabo narcissista, que se debruçaria constantemente sobre o mesmo pensamento ou o mesmo acto; é sobretudo a repetição que cola à pele que julgo ouvir nas palavras do salmo.

2. O INESPERADO DA VELHICE

Nesta crise de identidade especifica do envelhecimento, um dos seus elementos mais fortes é a surpresa. Alguém com quem nao temos sequer intimidade nos encontra e diz: "mas V. esta ainda com otimo aspecto!!" - como se fosse natural que o aspecto fosse mau...



expressão que não se diz a alguém ainda jovem ou na força da idade! Para muitas pessoas ouvir-se julgado assim constitui uma surpresa. Ouve-se e a frase fica dentro de nós a dizer-nos que a idade se vê agora. E vem-nos ao espírito a constatação de Goethe:

"violentemente a idade agarra-nos de surpresa."
"l'âge s'empare de nous par surprise".

A velhice é um destino e quando ela toma a nossa própria vida deixa-nos estupefactos. (SB)

. Verdade complexa da velhice: relação dialéctica entre o meu ser-para-o-outro, tal como é objectivamente definido e a consciência que tenho de mim própria através do outro. Em mim, é o outro de mim, i.e. o outro que os outros veem que é velho. (O nosso ser-para-o-outro é múltiplo como o próprio outro.)

Somos o que somos e o que os outros pensam que nós somos...

. Proust:

"pela primeira vez apercebi-me de que as metamorfoses que se tinham produzido pelas metamorfoses que se tinham produzido nas pessoas que o tempo tinha passado por elas e o que trans tornou profundamente foi a revelação de que o tempo tinha passado também para mim."

Quando encontramos colegas de curso: o tempo visível a olho nu.

. Rendermo-nos ao que SB chamou "escândalo intelectual": assumir uma realidade que é indubitavelmente nos mesmos mesmo se vem de fora de nós para dentro de nós e assumir que ela permanece para nós incompreensível.

Lénine citant Tourgueniev: "sabe qual é o maior de todos os vícios? ter mais de 55 anos".

. Entre dois extremos: uma juvenilidade que tudo desmente e uma condescendência que vai buscar à velhice todos os alibis, que autorisa a baixar as exigências

3. VELHICE COMO REPRESENTAÇÃO DE UM PAPEL

Categoria sartriana dos irrealizáveis:

o que somos para o outro é impossível vivê-lo no modo de um para si próprio.

O irrealizável é "o meu ser à distância que limita todas as minhas escolhas e constitui como que o seu outro lado".

O irrealizável não se desvenda senão à luz de um projecto tende a realizá-lo. Na nossa sociedade, a pessoa idosa é designada como tal pelos costumes, pelos comportamentos de outro, pelo próprio vocabulário; tende a assumir essa realidade. Há uma infinidade de

maneiras de o fazer: nenhuma permitirá coincidir com a realidade que assumo. (SB)



Filmes de ficção científica sobre o espaço: ver desaparecer uma nave para uma distância que já não podemos abarcar.....

Gide:

experiência de todos nós:

"Tenho que fazer um grande esforço para me persuadir que tenho hoje a idade daqueles que me pareciam tão velhos quando eu era novo."

"se não me dissesse a mim próprio a minha idade não a sentiria. E mesmo repetindo como que uma lição aprendida de cor, 'tenho mais de 65 anos' tenho dificuldade a convencer-me disso e só consigo persuadir-me desta verdade: é estreito o espaço onde os meus desejos e a minha alegria, as minhas virtudes e a minha vontade possam esperar ainda alargar-se. E nunca foram tão exigentes."

"A minha alma tem permanecido de tal maneira jovem que me parece sempre que o septuagenário que indubitavelmente sou é um papel que assumo; e as enfermidades, as falhas que vêm recordar-me a minha idade vêm à maneira de um soprador de vidros repô-lo na memória quando tenho a tentação de de me afastar dessa realidade. Então, como um bom actor que quero ser, entro na minha personagem e afino-me a representá-lo bem. Mas ser-me-ia muito mais natural abandonar-me à primavera que aí vem; simplesmente sinto que não tenho o vestuário necessário para o fazer."

Crise de identidade: uma nova imagem de nós próprios?

. primazia dos cuidados do corpo a começar cada vez mais cedo....

. Yeats:

"Estou fatigado e furioso de ser velho; sou tudo o que fui e mesmo mais do que fui, mas um inimigo prendeu-me os movimentos e torceu-me de tal maneira que sou capaz de fazer planos e pensar melhor do que nunca, mas nunca executar o que projecto e penso."

Encontrei uma vez em plena harmonia duas formas completamente diferentes de assumir a impossibilidade de realizar o que se projecta e pensa. Foi no duo Vieira da Silva/Arpad Szenes. estavam no atelier de Maria Helena. Ela pintava e e eu e Arpad

iamos conversando. A certa altura disse a Maria Helena que tinha um amigo que desejava imenso conhece-la. Muito zangada, Maria Helena interrompeu a pintura e disse: "Nao posso receber ninguém. tenho tantos projectos ainda na cabeça que quero realizar!" Um pouco sucumbida por essa verdade que brotava assim quase com revolta, olhei para Arpad. Ele, que ha muito cessara de pintar e nem sequer falava disso, olhou-me com uma expressao ao mesmo tempo de compreensao pela urgencia de Maria Helena e de uma certa ironia que parecia dizer que nao tomasse à letra o que Maria Helena acabara de dizer. Duas velhices que se adoravam e que viviam lado a lado duas formas totalmente opostas de assumir o tempo dos projectos e da sua realizacao.

. Auto-retratos dos grandes pintores:

- Leonardo da Vinci: uma extraordinária alegoria da velhice: um esplendor de cabelos e de barba; a mata das sobrancelhas indicam uma vitalidade intacta e mesmo impetuosa; os traços são esculpido pela experiência e pelo saber; são os traços de um homem ao apogeu da sua força intelectual e que está para além da alegria e da tristeza.

- Rembrandt: o seu último auto-retrato é uma espécie de testamento: atingiu a plenitude da sua arte, deixou já para trás uma obra assombrosa, fez tudo o que queria fazer, mas reconheceu a parte de fracasso que há em todo o sucesso e ao olhar-se no espelho parece perguntar a si próprio: e então?

Sentimento da vacuidade de tudo.

4. A VELHICE: FACE AO FIM INEVITAVEL

Collette:

em resposta à admiração de uma jovem:

"De acordo, minha filha, mas há a idade. - Mas à parte a questão da idade? - E Collette responde: "Há a idade."

Cálculo necessário para as actividades que se realizam.

Rimbaud:

"Elle est retrouvée.
Quoi? - L'eternité.
C'est la mer allée
Avec le soleil.



Suspensa: ↓

... A partir de 1980, a Fundação passou a ser administrada por uma comissão de administração, formada por representantes do Poder Judiciário, do Poder Executivo e do Poder Legislativo. A comissão foi instituída pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) em 1980, com o objetivo de garantir a transparência e a eficiência na gestão dos recursos públicos destinados à manutenção e ao desenvolvimento do sistema judiciário brasileiro.

... A Fundação Cuidar o Futuro é uma entidade de direito privado, sem fins lucrativos, criada em 1980 para administrar os recursos recebidos do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Seu objetivo principal é garantir a transparência e a eficiência na gestão dos recursos públicos destinados à manutenção e ao desenvolvimento do sistema judiciário brasileiro.

... A Fundação Cuidar o Futuro é uma entidade de direito privado, sem fins lucrativos, criada em 1980 para administrar os recursos recebidos do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Seu objetivo principal é garantir a transparência e a eficiência na gestão dos recursos públicos destinados à manutenção e ao desenvolvimento do sistema judiciário brasileiro.



Fundação Cuidar o Futuro

... A Fundação Cuidar o Futuro é uma entidade de direito privado, sem fins lucrativos, criada em 1980 para administrar os recursos recebidos do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Seu objetivo principal é garantir a transparência e a eficiência na gestão dos recursos públicos destinados à manutenção e ao desenvolvimento do sistema judiciário brasileiro.

... A Fundação Cuidar o Futuro é uma entidade de direito privado, sem fins lucrativos, criada em 1980 para administrar os recursos recebidos do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Seu objetivo principal é garantir a transparência e a eficiência na gestão dos recursos públicos destinados à manutenção e ao desenvolvimento do sistema judiciário brasileiro.